

CORPOS PELUDOS,
HOMENS-URSOS; CORPOS SLIM,
HOMENS METROSSEXUAIS:
PARÁFRASES VISUAIS E
DISCURSIVIDADES — HOMENAGEM
A MICHEL FOUCAULT

*FURY BODIES, BEAR-MEN; SLIM
BODIES, METROSSEXUAL MEN:
VISUAL PARAPHRASES AND
DISCOURSES — HOMAGE TO
MICHEL FOUCAULT*

Lucas NASCIMENTO¹

Resumo: este texto trata da relação corpo, imagem, olhar. Esforça-se para compartilhar diálogos da Análise de Discurso com a História da Sexualidade. Apresenta análise de imagem e mostra a leitura como dependente de certa organização da imagem, materializada por formações discursivas em disputa pela dominância do funcionamento da linguagem. No caso da fotografia, as suas zonas de limites de leitura ocorrem por demarcações do próprio suporte fotografia, que escreve. O autor afirma que há *escrita fotográfica*. Afirma, também, que o olhar não pode ser qualquer um, por qualquer ordem. É preciso levar em conta a existên-

¹ Pesquisador em Análise do Discurso. Ministério da Educação (MEC). Capes. E-mail: drlucasdonascimento@gmail.com

cia da *ordem da imagem* para que os *sentidos do olhar* possam correr em trânsitos e transar com diversas intertextualidades, interdiscursividades e intersexualidades.

Palavras-chave: nudez; leitura; corpo masculino.

Abstract: this text deals with the relation body, image, look. He strives to share dialogues from Discourse Analysis with the History of Sexuality. It presents image analysis and shows reading as dependent on a certain organization of the image, materialized by discursive formations in dispute for the dominance of language functioning. In the case of photography, its zones of reading limits occur by demarcations of the photographic support itself, which writes. The author states that there is *photographic writing*. It also states that the eye can not be anyone, in any order. It is necessary to take into account the existence of the *order of the image* so that the *senses of the eye* can run in transits and deal with various intertextualities, interdiscursivity and intersexualities.

Keywords: nudity; reading; male body.

[...] Entretanto, pode-se muito bem policiar a língua, a extensão da confissão e da confissão da carne não para de crescer. Pois a contrarreforma se dedica, em todos os países católicos, a acelerar o ritmo da confissão anual. Porque tenta impor regras meticulosas de exame de si mesmo. Mas, sobretudo, porque atribui cada vez mais importância, na penitência – em detrimento, talvez, de alguns outros pecados – a todas as insinuações da carne... [...]

(FOUCAULT, Michel. [1976]. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 4. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017: 21)

[...] Estou cego, estou cego, repetia com desespero enquanto o ajudavam a sair do carro, e as lágrimas, rompendo, tornaram mais brilhantes os olhos que ele dizia estarem mortos. Isso passa, vai ver que isso passa, às vezes são nervos, disse uma mulher. [...]

(SARAMAGO, José. **Ensaio Sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995: 13)



Do lugar de onde me situo – Análise de discurso, em diálogos com a Psicanálise e a Filosofia!

Não sei se meu texto é uma atualização da Filosofia na Sexualidade. Não sei se o texto é uma atualização da Sexualidade na Análise do Discurso ou da Leitura na Sexualidade. É no *entremeio* de alguma lacuna – é no *intervalo* de um estado a outro que me ponho a escrever este texto. É em um *espaço intervalar*, em um *espaço lacunar* entre o presente e o passado. A crise profunda da repressão e da confissão para a *scientia sexualis* revelou fenômenos que não existem limites às deformações da natureza humana: da pulsão, do desejo, do prazer. Daí novas formas – de governo, de sedução, de desejo, de prazer e de padrões e categorias de ordem do “o político”.

Eis políticas de ordem e de desordem. De mais a mais, há *esgarçamento*² da *tradição* – ou melhor, da conservação, do conservadorismo. *Esgarçamento* para além da aporia imanência *versus* transcendência, da ideia *versus* matéria, da tradição *versus* contemporaneidade, da razão *versus* emoção, da fé *versus* razão, do real e do sentido, do bipolar *versus* a-polar, do significado *versus* significante, da letra *versus* significante, etc. O intervalo, ou a lacuna, ou o entremeio – apresenta outra perspectiva de ciência. Para além de uma *ortopedia de leitura*. Talvez, aquela da *leitura-trituração* (PÊCHEUX, 1980). Com novas formas, a perversidade sequer tem grandeza. Porque parte da rejeição do senso comum e da linguagem (comum) para se poder lutar pela descoberta científica que a pesquisa permite descobrir o que se esconde, o que se ainda está virgem, o que ainda se tem com a-versão do sentido.

Eis o progresso. Diria evolução? Não... É preciso cautela, cautelar – cauteloso. O progresso da ciência é diferente da evolução estilhaçada do átomo, ou da célula... (BACHELARD, 1996). “Pois bem, sonho com uma ciência – digo mesmo uma ciência – que teria por objeto esses espaços diferentes, esses outros lugares, essas contestações míticas e reais do espaço em que vivemos” (FOUCAULT, [1966]2013: 20). O progresso é mais lento do que a metamorfose das lindas borboletas. Eis Manoel de Barros:

Naquele dia, no meio do jantar, eu contei que tentara pegar na bunda do vento – mas o rabo do vento escorregava muito e eu não consegui pegar. Eu teria sete anos. A mãe fez um sorriso carinhoso para mim e não disse nada. Meus irmãos deram gaitadas me gozando. O pai ficou preocupado e disse que eu tivera um vareio da imaginação. Mas que esses vareios acabariam com os estudos. E me mandou estudar em livros. Eu vim. E logo li alguns tomos havidos na biblioteca do Colégio. E dei de estudar pra frente. Aprendi a teoria das idéias e da razão pura. Especulei filósofos e até cheguei aos eruditos. Aos homens de grande saber.

2 Cf. Hannah Arendt ([1954] 2016).



Achei que os eruditos nas suas altas abstrações se esqueciam das coisas simples da terra. Foi aí que encontrei Einstein (ele mesmo – o Alberto Einstein). Que me ensinou esta frase: A imaginação é mais importante do que o saber. Fiquei alcandorado! E fiz uma brincadeira. Botei um pouco de inocência na erudição. Deu certo. Meu olho começou a ver de novo as pobres coisas do chão mijadas de orvalho. E vi as borboletas. E meditei sobre as borboletas. Vi que elas dominam o mais leve sem precisar de ter motor nenhum no corpo. (Essa engenharia de Deus!) E vi que elas podem pousar nas flores e nas pedras sem magoar as próprias asas. E vi que o homem não tem soberania nem pra ser um bentevi (BARROS, 2008).

Michel Pêcheux³ asseverou a incompatibilidade entre a dominação dos discursos e as lutas de classe, entre o pensamento e as lutas políticas. Diferente, é claro, daquelas incompatibilidades entre os pensamentos e condições trazidos pelas revoluções Francesa e Industrial, e da Grande Guerra. As diferenças entre a tradição e estado atual sempre será, por um lado, *animal laborans*, por outro, *animal rationale*, e por outro, ainda: *animal sexualis*.

Daí, finalmente, a atualização da Filosofia na Política, da Política na Sociologia, da Sociologia na Linguagem, da Linguagem na Psicanálise... um ciclo de pensamentos. Platão se afastou da Política para retorná-la em outras conjunturas; Marx se afastou da Filosofia para a Política; Foucault, da História para a Filosofia, com profundas modificações em torno dos conceitos de História, sujeito, saber, poder, prazer. Eis não precisar mais da confissão, da repressão moral e religiosa! (Eis a herança foucaultiana). Eis o descontrole da vontade, por Adão.

Com palavras de Foucault ([1966] 2013: 12),

Em todo caso, uma coisa é certa, o corpo humano é o ator principal de todas as utopias. Afinal, uma das mais velhas utopias que os homens contaram para si mesmos não é o sonho de corpos imensos, desmesurados, que devorariam o espaço e dominariam o mundo? É a velha utopia dos gigantes, que encontramos no coração de tantas lendas, na Europa, na África, na Oceania, na Ásia, esta velha lenda que há tão longo tempo nutre a imaginação ocidental, de Prometeu a Gulliver.

A função da História seria inaugurar memórias e acontecimentos. Simples, assim – *estrutura* ou *acontecimento*? (PÊCHEUX, 1983). A função da letra seria apenas circunscrever o limite do gozo, a estrutura? (LACAN, 1972-1973). Simples assim? Talvez! A função do efeito – não circunscrever o limite do gozo, mas deleitar por percurso próprio e extenso, extensidade infinita. Mas existe a sintaxe. A circunscrição da zona limítrofe. É preciso o corpo! É preciso também a mortalidade do homem

3 Ver Pêcheux (1975; 1981; 1982; 1983; 1984).



– eis o pecado do mundo. Des-controle de vontade. É vital o problema da distinção entre processos naturais e históricos. Eis a criação por Deus; eis a história feita pelos homens. A natureza, história desses homens. História é teórica. É memória. É acontecimento. *Uma forma de vida voa no final da tarde, quando uma outra forma de vida já envelheceu, anteriormente* (ARENDRT, [1954]2016). É assim. Assim nasceu a Análise do Discurso. Disciplina de entremeio, do intervalo, da lacuna – do espaço de estrutura e acontecimento. De ciência. De própria política. É *bandeirada* também – eis sua vida: ADF, ADB, AD do B!⁴

A Análise do Discurso – ou *Análise de Discurso*, é política. É linguagem. É história. É movimento. É do intervalo, pelo entremeio, do espaço. É semântica do discurso. É discurso da semântica. Foi automática. É autêntica. Presente. Politizada. Institucionalizada. É libertária. Projeção. Tem a História como atualização da ideia de liberdade. Tem a sociedade como projétil. Tem o discurso como movimento (d)e efeito entre interlocutores. Tem a sociedade com classes. Tem os efeitos que a tábua e os pregos têm com uma mesa inacabada. Sem dúvidas, uma inquietação sem precedentes.

1. Sexualidades conservadas e prazeres – a saída do armário

Primeiramente, temos o homem ou a mulher? O homem, sabemos! Primeiramente, temos *o ovo ou a galinha*? Eis a questão polêmica para as Ciências Biológicas, frente aos avanços da genética e dos estudos dos genes, por exemplo. Temos tanto a imagem do ovo quanto a da galinha. Qual foi a primeira? Difícil de identificar esse gesto inaugural de formulação/constituição imagética! Por isso, o homem tem a imagem tanto pela imaginação como pelo símbolo de um sistema de leitura, enquanto imagem significante⁵, como consta no esquema a seguir.

Esquema 1: O signo sob a ótica da Análise do discurso e da Psicanálise.

Análise do discurso	Psicanálise
Imaginário + Simbólico	Real + Simbólico
Simbólico	Imaginário

Fonte: elaboração do autor.

4 ADF: Análise do Discurso Francesa; ADB: Análise do Discurso Brasileira; AD do B: Análise do Discurso do Brasil.

5 “[...] A natureza fornece, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhes dão as estruturas, e as modelam” (LACAN, [1964] 2008: 28).



Seja pela Análise do Discurso, a imagem como imaginário e simbólico (/) barra simbólico, ou seja, pela Psicanálise, a imagem como real e simbólico barra imaginário, temos a imagem em sistema “ortográfico” por a policromia permitir essa construção como **sintaxe imagética**, isto é, a imagem precisa de estrutura e suporte para permitir o acontecimento discursivo, assim ambas oferecerão leituras. Essa relação R + S / I incita a imagem à leitura, também como lugar da falta e da falha, pois nem sempre ela garantirá o encontro da memória que atualiza o acontecimento – eis *o lugar infernal de onde se perder!* No entanto, quando ela oferecer a garantia do equilíbrio entre a estrutura e o acontecimento, a leitura irá festejar com aproximações entre a *ordem da imagem* e a *ordem do olhar* – eis **a política de leitura de imagem!** Eis os sentidos do olhar pela materialidade da imagem! (NASCIMENTO, 2017a; 2017b; 2017c).

Consideremos a temática do Homem, da sua masculinidade e sexualidade, no esforço de compreender a conservação das práticas sexuais entre homens, na esteira de não reproduzirmos os discursos da balela da “anomalia (anormalidade)” ou da “política do incorreto”, segundo correntes cristãs e à própria cultura de matriz heteronormativa. Como disse Foucault ([1984]2017: 21): [...] *pode-se muito bem policiar a língua, a extensão da confissão e da confissão da carne não para de crescer. [...] – a todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual. O sexo, [...] seus efeitos devem ser seguidos [...]: tudo deve ser dito. [...].* Esse policiamento da língua na confissão da sexualidade e das práticas de vontade e de satisfação dos prazeres da carne não foram positivamente bem vistas a muitos olhares. Olhares dos pregos, pregões e pregadas moralizantes. Daqueles que detiveram o poder religioso de confiscar os pecados da carne e do mundo. Daqueles pregadores, homens “pregadas”.

Sabemos bem disso pela apaixonante **História da sexualidade**. Estudo científico de rigor, estudo em três tomos sobre a sexualidade no mundo ocidental. Assim nos presenteou o filósofo e historiador francês Michel Foucault. Como já bem disseram – *o filósofo do século XXI. Será o mais lido!* O primeiro livro, com o subtítulo *A vontade de saber*, publicado em 1976, analisa a **hipótese repressiva**. Afirmou sobre a hipótese de que a sociedade ocidental teria suprimido a sexualidade, desde o século XVII até meados do século XX, como sendo uma ilusão. O que se teve foi o inverso, afirmou o admirável francês: *os discursos sobre a sexualidade proliferaram incontrolavelmente durante este período*. Eis a epígrafe de nosso presente texto!

A sexualidade começara a ser tema científico, na esteira de classificar os diversos tipos de sexualidade e incentivar os sujeitos pecadores a confessarem seus sentimentos e condutas sexuais, tudo com o desejo de conhecer a **verdade** sobre



o sexo. É claro que se trata de ironia – sujeitos pecadores! Eis certa crítica. Bem-humorado “nosso” célebre imortal **Foucault**. Um dos homossexuais imortais mais célebres, talvez! Não foi à toa a admiração “insinuosa” de Paul Veyne⁶, explícita na introdução de seu reconhecido e admirado livro por nós, brasileiros, analistas de discurso, *Foucault, Sa pensée, sa personne*⁷:

Na circunstância, o observador que é o herói deste livro chamava-se Michel Foucault, essa personagem magra, elegante e incisiva que nada nem ninguém fará recuar e cuja esgrima intelectual manejava a escrita como se fosse um sabre. É por isso que eu poderia ter intitulado o livro que vai ler *O Samurai e o peixinho vermelho* (VEYNE, 2009: 10, grifo do autor).

O grande interesse alimentado pela curiosidade do autor: *a criação do sujeito e a sua forma constituída, ou de constituição* (eis a razão de seu outro estudo, que fora curso em 1982 e se tornara em obra: *L'Herméneutique du sujet*). *História da sexualidade* não é nada menos que estudo cujo o confisco da identidade das pessoas demonstra estar cada vez mais ligado à sua sexualidade, como, também, recentemente afirmaram R. Jon McGee e Richard L. Warms, em publicação⁸ americana de 2011.

Posteriormente, *História da sexualidade II: O uso dos prazeres* e *História da sexualidade III: O cuidado de si*, publicados em 1984, outros resultados foram obtidos para alentar suas motivações a respeito do sujeito e do prazer, para com “o policial a língua”. Eis uma objeção maior que ficara em projeto rascunhado: *História da sexualidade IV – Os prazeres da carne*. Não chegou a ser concluído. Como deixou manifesta em testamento, a vontade de Michel Foucault foi de que nenhum de seus textos inacabados fossem publicados. Nunca foi divulgado o conteúdo do quarto escrito de *História da sexualidade*⁹.

2. Pulsão da carne e a política da Biologia

Diante do cenário estético, das vaidades contemporâneas e das intersexualidades, considerando a passagem da *heterossexualidade* à *metrossexualidade*, podemos nos perguntar sobre a existência da imagem do corpo humano (COURTINE,

6 Aluno e amigo de Michel Foucault.

7 VEYNE, Paul. **Foucault, Sa pensée, sa personne**. Paris: Albin Miche, 2008. Tradução para edição lisboeta: VEYNE, Paul. **Foucault, O pensamento, a pessoa**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2009.

8 MCGEE, R. J.; WARMS, R. L. **Anthropological Theory: An Introductory History**. Nova Iorque: McGraw Hill, 2011.

9 Eis nossa homenagem em estudo acadêmico, que se encontra no prelo: *(In)Sinações da Carne: a ordem da imagem e os sentidos do olhar – por questões de leitura* (NASCIMENTO, 2019).



2008; 2011), especialmente do corpo masculino. De um corpo que tem pulsão da carne como própria política da Biologia. Biologia do corpo. Pulsão do corpo. Biologia do psiquismo. Vida psíquica. Sendo assim, indagamos a relação do corpo com uma possível *escrita de si*, **escrita do corpo como imagem**: Há escrita fotográfica? Ou imagética? Antecipadamente, afirmo que sim! A imagem – também a fotografia, o som, ou qualquer outra multimodalidade sincrética – tem sua escrita por meio de sua *materialidade discursiva*. Aqui, eis um ponto inextrincável.

Representante teórico e fundador da escola francesa de Análise de Discurso, Michel Pêcheux nos diz a respeito: “*Materialidades discursivas*: quais materialidades se encontram postas em jogo na análise de fatos do discurso pela história, pela psicanálise e pela linguística? Há *um* real da língua. Há *um* real da história. Há um real do inconsciente. Essa tripla asserção, em que se manifesta uma relação problemática com o real, exclui de pronto que *uma* posição teórica organize seu dispositivo de respostas: trata-se assim de resistir ao sistema de falsas respostas que contornam a materialidade daquilo que está “em jogo” na língua”. [...] “Tocar nesse triplo real da língua, da história e do inconsciente, sem pressupor uma teoria mais ou menos geral do objeto “discurso”, exige explorar a rede de questões que aí circulam: nossos terrenos de encontro problemáticos. (PÊCHEUX et. al., [1980]2016: 17-8)”. [...] “A questão teórica das *materialidades discursivas* surge precisamente daquilo que, entre a história, a língua e o inconsciente, resulta como heterogeneidade irreduzível: um remoer de falas ouvidas, relatadas ou transcritas, uma profusão de escritos mencionando falas e outros escritos” (PÊCHEUX, [1980]2016: 23-4, grifo do autor).

Podemos entender que a imagem tem sua materialidade com *heterogeneidade irreduzível* (cf. M. Pêcheux): remoem-se restos simbólico, político e ideológico, no mundo, cujas articulações permitem o trânsito da ordem da ideologia à do inconsciente, talvez o vice-versa se faça correspondente, em *profusão de escritos* (e seus efeitos). A remoção se inscreve no material, cujo “real” (ou “reais”) se manifesta na relação *língua-história-inconsciente* na sintaxe imagética e – por conseguinte – na ordem da imagem que oferece sentidos ao olhar dos leitores potenciais.

Do tríplice real e daquele surgimento, há o estatuto significante da imagem. Daí sua vida na sua imortalidade. O visível é imortal. Assim não menos que o significante é imortal – é, por ter sujeitos leitores vivificantes, que vivificam a imagem e a preenchem de leituras, de leituras-de-trituração. São versos de sentidos. São versões de sentido que perambulam, que transitam, que tensionam, que transam com outras versões, que têm outras versões, e assim sucessivamente. A imagem como lugar de produção-reprodução de sentidos, de subjetividade, de sentidos-subjetivos. Daí a relação imagem-efeito do escrito. O “efeito” é lugar de compreensão de singularidade, de autoria, de uma leitura – no mínimo – que se escreve e de uma escrita que se lê. Não estamos na esteira de afirmações como “a imagem é transparente”, porque não é. Há



somente ilusão de sua transparência. Ela tem estatuto. Tem sua identidade discursiva materialmente garantida pela relação opacidade e transparência.

A imagem tem sua **fulguração**: ação de fulgurar dentro de espaço, tempo e significação. Falamos, aqui, da função do escrito como função do eu da (des)estabilidade e do equívoco na imagem. A imagem não suporta todas as escritas, nem todas as leituras. Ela tem um vai-e-vém de partida de específica escrita que assegura o retorno de sua leitura. É de uma escrita que se lê (se escreveu na imagem, por sua própria “leitura que se escreve(u)”) que retorna como leitura dessa escrita, leitura de uma escrita imagética. Esse é o vai-e-vém da imagem. Daí as zonas de limite de uma imagem pelo seu próprio espaço de inscrição, seu próprio espaço dado e sustentado pelo suporte que a materializa.

A seguir, vejamos **pulsão** como conceito já teorizado e de produção analítica considerável para podermos tratar de certas fotografias de revistas e de específico site de rede social (*tumblr*¹⁰). Recorremos ao conceito de *pulsão* na Psicanálise. Relacionada à ideia de sexualidade, desde a década de 1890, a obra freudiana estabeleceu a noção de pulsão nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, publicados em 1905 (FREUD, [1905]1969). Por meio de alguns conceitos (até mesmo mais complexos), teorizou acerca da sexualidade na esteira de compreender a vida psíquica. Com isso, tem-se estudo relevante sobre a significação sexual e o conceito de pulsão sexual.

A pulsão sexual não se limita às atividades da sexualidade biológica, como, por exemplo, o instinto sexual. Sua importância constitui no seu papel nas manifestações psíquicas, isto é, no funcionamento do aparelho psíquico. Freud inaugura outra compreensão da sexualidade humana. Quando da resignificação sobre a noção de perversão, Freud situa a sexualidade infantil e perversa no fundamento da sexualidade humana. Surge a noção de pulsão sexual nesse contexto. *Grosso modo*, a noção representa as excitações do corpo. Então, diz-se que libido é *puro instinto de vida*. É vida imortal. A pulsão é parcial. Envolve as zonas erógenas. Toda pulsão é uma pulsão. É inexistente a outra pulsão. Ela é única. Tem sua vida própria. Por isso, portanto, a fixação do gozo do significante é no corpo do sujeito, seja pelo imaginário, pelo simbólico, pelo real... É “o eco do fato de que há um dizer” no corpo. “É preciso que haja alguma coisa no significante que ressoe”. “É preciso que o corpo

10 *Tumblr* é uma plataforma de *blogging* que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeo, *links*, citações, áudio e “diálogos”. A maioria dos *posts* feitos no *Tumblr* são textos curtos, mas a plataforma não chega a ser um sistema de *microblog*, estando em uma categoria intermediária entre os *blogs* de formato convencional *Wordpress* ou *Blogger* e o *microblog* *Twitter*. Os usuários são capazes de “seguir” outros usuários e verem seus *posts* em seu painel (*dashboard*). Também é possível “gostar” (favoritar) ou “reblogar” (semelhante ao RT do *Twitter*) outros *blogs*. O sistema de personalização enfatiza a facilidade de uso e permite que os usuários usem *tags* especiais do sistema para criar seus *themes*. (cf. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tumblr>).

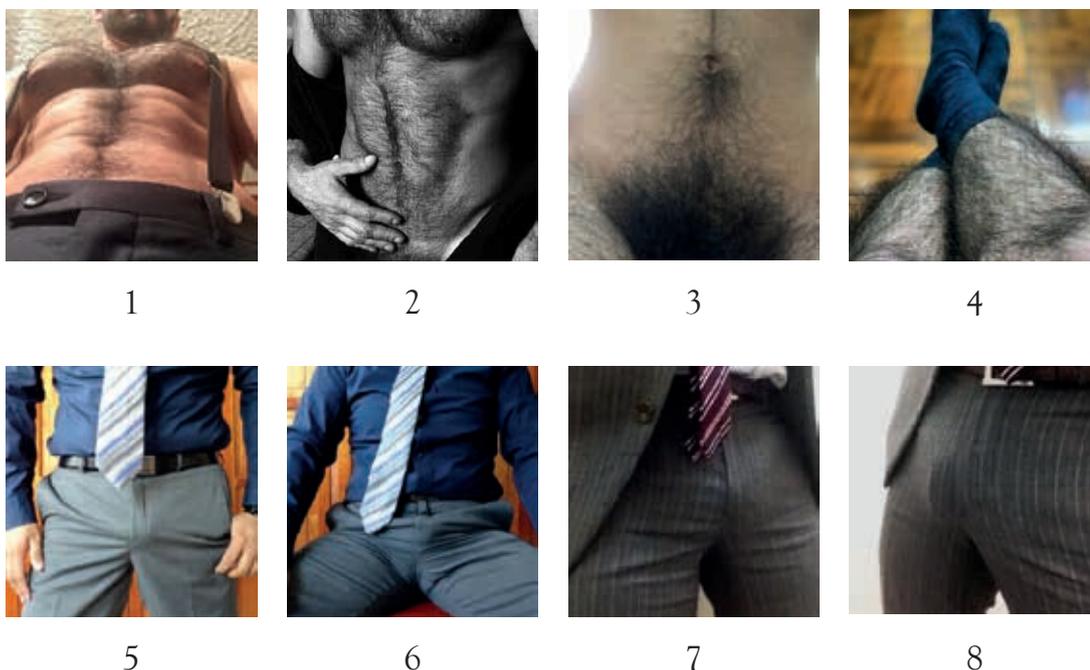


lhe seja sensível” (cf. Jacques Lacan, no *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* e no *Seminário 23: O sintoma*¹¹).

Em “Pulsões e destinos das pulsões”, Freud (1915) define a pulsão: “conceito limite entre o psíquico e o somático, como representante psíquico dos estímulos que provêm do interior do corpo e alcançam a *psique*, como medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo” (FREUD, [1915] 2004: 148). Eis uma das heranças freudianas: só vivifica quem tem corpo, tem material, tem sua materialidade. Entendemos, por fim, que a pulsão é recurso defensivo do próprio corpo, é da ordem da libido, originada das instâncias psíquicas. A pulsão é trabalho de exigência obrigatória de relação entre corpo e psiquismo. É da própria saúde do corpo. É inevitável. É vivificante e faz o corpo viver. O corpo vivifica, bem como o próprio psíquico, *graças* a pulsão!

A seguir, coloquemo-nos como leitores das imagens:

Figura 1 [F1] – Paráfrases visuais de (1) a (8).



Fonte: < https://www.tumblr.com/login?language=pt_BR >.
Acesso em: 21 maio 2017.

11 **Sinthoma** se distingue de **sintoma**, assim como há diferente percurso da doença à cura, da repetição à autoria, da angústia ao traço singular do gozo, ou da identidade, ou da felicidade, ou do prazer (este *positivamente*). Ver Jacques Lacan – *Seminário 23: O Sinthoma*, por exemplo.



A composição dessa rede parafrástica tecida por 8 imagens permite visualizarmos as **paráfrases visuais**. Por isso, epistemologicamente, temos um corpo **masculino** com **significantes** de **masculinidade**, **virilidade**, **potência**, **metrossexualidade**. É desse modo que o nosso trabalho sobre imagem masculina incide sobre a história da masculinidade, que representa jeitos de homens, que, por consequência, enfatizam a auto-consciência de homens vestidos de “homem *masculino*”, “homem *viril*”, “homem *potência*”, “homem *metrossexual*”.

Para considerarmos a rede parafrástica de (1) a (8), precisamos destacar as **paráfrases visuais** com base na **polissemia** (recurso semântico). Por paráfrases visuais, Souza (2013: 297-8; grifo nosso) define teoricamente: “[...] pensamos em refletir *como se constituiria a discursividade do não verbal*. Um dos *nós da arquitetura do não verbal* parece residir na possibilidade de se trabalhar com **paráfrases visuais** – ou pelo trabalho da **policromia** [...]”.

A rede parafrástica permite a leitura interpretar, desde sentidos mais do senso comum até os de maios investimento de interpretação: “Ao se analisar uma imagem pelo viés da policromia, se direciona e se constrói **o próprio olhar através dos gestos de interpretação**. Gestos que, a um só tempo, **recortariam as paráfrases visuais** que constituem o corpo da imagem e dariam lugar aos deslizamentos de sentidos, aos efeitos metafóricos, ordenados pela injunção do dizer.” (SOUZA, 2013: 298; grifos nossos).

Começamos por aquela de quem lê só o que está no nível do visível – das imagens de (1) a (4), têm-se corpos masculinos peludos, representativos da masculinidade. Leitura que incide sobre o pelo como elemento da virilidade e potencialidade: a produção hormonal. Elemento de atração por muitos outros corpos. Elemento de pulsão ao outro: o “*pelo*” pulsa o corpo psíquico de corpos “danados” que alimentam libidinosamente, corpos de sujeitos desejantes. Digo “*pelo*” enquanto imagem e resto simbólico.

Já das imagens de (5) a (8), têm-se corpos masculinos vestidos com roupas finas e elegantes, com destaques de partes do corpo, representativos também da masculinidade (COURTINE, 2012). Aí, outros elementos são da ordem da imagem: outro modo de virilidade e de potencialidade se apresenta – eis a produção estilística corpórea (aquilo da *ordem estética*). Em (5) se tem destaque às nádegas daquele corpo; de (6-8) se tem destaques à região do órgão genital masculino. É claro que a leitura das imagens está direcionada pelos ângulos fotográficos, ângulos imagéticos, ângulos de escolha de sujeitos, empresas, mercado



comercial e publicitário¹². Os ângulos, por assim dizer, têm enfoques em específicos dois elementos de atração por muitos outros corpos. Elementos de pulsão ao outro: as nádegas e o órgão genital masculino (pênis e saco escrotal) pulsam o corpo psíquico de corpos danados que alimentam libidinosamente, corpos de sujeitos desejantes. Sujeitos normais. Biológicos. Naturais.

Nesse trabalho analítico, temos outras leituras não baseadas ao senso comum, ou se ainda da esfera desse senso, diremos, então, leituras com dois enfoques a acrescentar – ao menos: (a) ainda com **paráfrases visuais** e o (b) **sentido pode ser outro**. Sobre paráfrases visuais, com base na rede, podemos ter outras posições possíveis de homem e diversos sentidos.

Podemos ler nas imagens uma materialidade discursiva em que “se encontram postas em jogo na análise de fatos do discurso pela história, pela psicanálise e pela linguística” (PÊCHEUX et. al., [1980]2016; 17): (i.) a **posição imaginária**: o “pelo” como elemento do animal “urso” (metáfora-polissemia). Daí o sentido de servir a homens e/ou mulheres que libidinosamente pulsam estímulos sexuais para o fetichismo – prática sexual com homem-urso; e (ii.) a **posição simbólica**: a saliência das nádegas, do pênis e/ou do saco escrotal (re)duplica a potência e a virilidade para maior satisfação. Daí o sentido de servir a homens e/ou mulheres que libidinosamente pulsam estímulos sexuais para o simbólico: nádegas, pênis e saco escrotal – prática sexual com homem viril e homem metrossexual.

As roupas justas, *slim*, *slim fit*, simbolicamente acentuam desejos e pulsões de corpos libidinosos por terem funcionamentos de destaque, ênfase, saliência, sedução. Assim, lembremo-nos de que o desejo tem um percurso até o gozo, seja imaginariamente ou de fato *jus* à realidade de satisfação carnal, por exemplo. O *slim*¹³ é um adjetivo da língua inglesa que significa fino, magro, delgado. *Slim* é também o verbo emagrecer, afinar. O termo é empregado em diversos contextos para dar a ideia de algo de estrutura fina, magra e delicada – exemplo: uma pessoa *slim* é aquela que tem silhueta esbelta, elegante. Correspondentemente ao *slim*, pode estar relacionada a **metrossexualidade**¹⁴: *Metrossexual* é uma junção das palavras “metropolitano” (cidade, metrópole) e “sexual”, cujo significado se refere a um homem urbano que se preocupa em cuidar da aparência. O metrossexual gosta de se vestir bem e de estar na moda. Investe em vestuário e acessórios sofisticados,

12 Não desenvolvemos análise desse aspecto neste texto. Conferir análises em Nascimento (2017c).

13 Cf. < <https://www.significados.com.br/slim/> > Acesso em: 26 maio 2017.

14 Cf. < <https://www.significados.com.br/metrossexual/> > Acesso em: 26 maio 2017.

frequenta cabeleireiros e institutos de beleza, cuida da pele, usa cosméticos, bons perfumes, faz manicure, pedicure, depilação, etc.

Seguimos a nossa reflexão!

3. Nudez e cegueira “branca” – a falsidade da moral

O *slim* é até visivelmente identificado com facilidade. E o *metrossexual* também? Não é assim não! Referimo-nos, aqui, na existência da cegueira “branca” quanto à **leitura da sintaxe imagética**. A rede parafrástica e a policromia (que compõem o funcionamento da sintaxe imagética) não são facilmente da ordem da percepção por muitos e muitos leitores. São diversas as justificativas: senso comum ser muito comum por leitores mal formados; deficitária a formação de professores, em geral; contexto e realidade escolar e acadêmica díspares; desleixo com formação e educação de qualidade; falta de investimento intelectual (cf. NASCIMENTO, 2017d; 2016a; 2016b; 2015; 2014).

Metaforicamente, sobre a “**cegueira branca**”, tratemos da literatura portuguesa. Recorremos a um imortal pela Academia Brasileira de Letras: eis José Saramago! Em seu romance de 1995, o literato escreveu:

Ninguém o diria. Apreciados como neste momento é possível, apenas de relance, os olhos do homem parecem sãos, a íris apresenta-se nítida, luminosa, a esclerótica branca, compacta como porcelana. As pálpebras arregaladas, a pele crispada da cara, as sobrelanceiras de repente revoltas, tudo isso, qualquer o pode verificar, é que se descompôs pela angústia. Num movimento rápido, o que estava à vista desapareceu atrás dos punhos fechados do homem, como se ele ainda quisesse reter no interior do cérebro a última imagem recolhida, uma luz vermelha, redonda, num semáforo. *Estou cego, estou cego, repetia com desespero enquanto o ajudavam a sair do carro, e as lágrimas, rompendo, tornaram mais brilhantes os olhos que ele dizia estarem mortos. Isso passa, vai ver que isso passa, às vezes são nervos, disse uma mulher.* O semáforo já tinha mudado de cor, alguns transeuntes curiosos aproximavam-se do grupo, e os condutores lá de trás, que não sabiam o que estava a acontecer, protestavam contra o que julgavam ser um acidente de trânsito vulgar, farol partido, guardalimas amolgado, nada que justificasse a confusão, Chamem a polícia, gritavam, tirem daí essa lata. (p. 13; grifos nosso).

Como ler a angústia? Eis José Saramago! “*Estou cego, estou cego, repetia com desespero enquanto o ajudavam a sair do carro, e as lágrimas, rompendo, tornaram mais*

brilhantes os olhos que ele dizia estarem mortos. Isso passa, vai ver que isso passa, às vezes são nervos, disse uma mulher.” Continua Saramago:

O cego implorava, Por favor, alguém que me leve a casa. A mulher que falara de nervos foi de opinião que se devia chamar uma ambulância, transportar o pobrezinho ao hospital, mas o cego disse que isso não, não queria tanto, só pedia que o encaminhassem até à porta do prédio onde morava, Fica aqui muito perto, seria um grande favor que me faziam. E o carro, perguntou uma voz. Outra voz respondeu, A chave está no sítio, põe-se em cima do passeio. Não é preciso, interveio uma terceira voz, eu tomo conta do carro e acompanho este senhor a casa. Ouviram-se murmúrios de aprovação. O cego sentiu que o tomavam pelo braço, Venha, venha comigo, dizia-lhe a mesma voz. Ajudaram-no a sentar-se no lugar ao lado do condutor, puseram-lhe o cinto de segurança, Não vejo, não vejo, murmurava entre o choro, Digame onde mora, pediu o outro. Pelas janelas do carro espreitavam caras vorazes, gulosas da novidade. (p. 13).

Como ler a angústia? Eis José Saramago – *Não vejo, não vejo, murmurava entre o choro, [...]. Nada, é como se estivesse no meio de um nevoeiro, é como se tivesse caído num mar de leite, [...].* Continua:

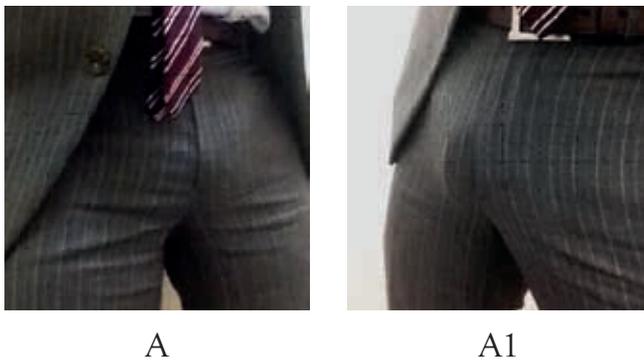
O cego ergueu as mãos diante dos olhos, moveu-as, Nada, é como se estivesse no meio de um nevoeiro, é como se tivesse caído num mar de leite, *Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira dizem que é negra, Pois eu vejo tudo branco, Se calhar a mulherzinha tinha razão, pode ser coisa de nervos, os nervos são o diabo, Eu bem sei o que é, uma desgraça, sim, uma desgraça, Diga-me onde mora, por favor, ao mesmo tempo ouviu-se o arranque do motor. Balbuciando, como se a falta de visão lhe tivesse enfraquecido a memória, o cego deu uma direcção, depois disse, Não sei como lhe hei-de agradecer, e o outro respondeu, Ora, não tem importância, hoje por si, amanhã por mim, não sabemos para o que estamos guardados, Tem razão, quem me diria, quando saí de casa esta manhã, que estava para me acontecer uma fatalidade como esta. Estranhou que continuassem parados, por que é que não andamos, perguntou, O sinal está no vermelho, respondeu o outro, Ah, fez o cego, e pôs-se a chorar outra vez. A partir de agora deixara de poder saber quando o sinal estava vermelho. (SARAMAGO, 1995: 13; grifos nosso).*

Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira dizem que é negra, [...]. As fotografias (6), (7), (8), rerepresentadas a seguir, podem não ser lidas facilmente pela cegueira branca. *Mas a cegueira não é assim, [...] a cegueira dizem que é negra, [...]. Se calhar a mulherzinha tinha razão, pode ser coisa de nervos, os nervos são o diabo, [...].* Se não forem os nervos (a causa da cegueira branca – portanto, passageira), a cegueira negra possibilita apenas ver as fotografias seguintes como exemplos de exagero, cujas calças sociais são apertadíssimas, aliás é visível o

quanto apertadas elas estão. Esses homens teriam que escolher uma calça um a dois números maiores do que estão usando, caso tivéssemos consultoria de moda ou de estilista. Na fotografia (5), podemos ver uma camisa *slim*, ou seja, uma camisa de corte mais justo ao corpo, apertada. Mesmo se o homem tiver porte atlético, o cuidado deve estar para a camisa na “medida certa”, pois caso ficar mais apertada nos ombros, nos braços, por causa dos músculos, então, a opção é por um número maior, conforme orientações *styler*.

Vejamos, finalmente:

Figura 2 [F2]: Paráfrase visual de (A)



Fonte: < https://www.tumblr.com/login?language=pt_BR >. Acesso em: 21 maio 2017.

Figura 3 [F3] - Paráfrase visual de (B).



Fonte: < https://www.tumblr.com/login?language=pt_BR >. Acesso em: 21 maio 2017.

Sobre *Mas a cegueira não é assim*, disse o outro, a cegueira dizem que é negra, [...], temos a cegueira branca como patologia visual daquele que não lê o sentido para além do senso comum. Dificilmente com esse tipo de cegueira, o leitor poderá realizar a leitura no nível do “**sentido pode ser outro**” – como podemos ter: (i.) o homem como feminino, na representação do ato sexual em que se coloca em posição psíquica feminina: como elemento a receber penetração, por exemplo; (ii.) o homem e outro corpo em ato sexual, cuja posição psíquica do homem seja alimentada por pulsão imaginária entre três sujeitos; (iii.) o homem com prática sexual consigo (o uso de objetos diversos), entre tantos outros sentidos possíveis.

Ainda sobre o **sentido pode ser outro**, podemos ter também a polissemia sobre a *langerie*, a roupa e/ou os acessórios (gravata, cinto, meia): (i.) a cor pode atualizar memórias de experiências sexuais já-dadas e inscrever a sexualidade em múltiplas posições; (ii.) a cor atualizar fetiches, imagens, produção filmatográfica, etc., e inscrever a simpatia do seu parceiro e/ou parceira, resguardando suas sexualidades estabilizadas, ou não; (iii.) a cor atualizar memórias e inscrever outras sexualidades.

Alguns homens escolhem apenas um estilo de calça justamente por não conhecerem a diversidade ou pela falta de conhecimento dos estilos diferenciados. Pode até não parecer, mas a calça pode influenciar muito no estilo. E a camisa? E a *langerie*? E o acessório, digo, a gravata? Utilizar sempre a mesma não necessariamente é um coisa boa, pois demonstra falta de conhecimento e até mesmo de estilo próprio. Diferente desse tipo de homem, o inglês David Beckham, jogador de futebol, casado e com filhos, sempre foi uma imagem emblemática de um homem metrossexual.

Aqueles que estão no contexto da popularização no ano de 2002, pelo uso do terno, bem lembram de um artigo escrito pelo jornalista inglês Mark Simpson, durante a Copa do Mundo de Futebol, quando o jogador David Beckham posou para uma revista gay no Reino Unido. Mark Simpson considerou Beckham “o maior metrossexual da Grã-Bretanha”, pelo seu narcisismo ao dizer que adorava ser olhado, tanto por homens como mulheres. O comportamento do metrossexual pode gerar comparações com um homossexual. No entanto, o que marca o comportamento do metrossexual é o seu estilo vaidoso e os cuidados excessivos com a imagem, que antes eram considerados exclusivos do universo feminino. Esse novo comportamento tem contribuído para que o mercado de produtos de beleza e moda voltados para o público masculino tenha aumentado de forma significativa. E o metrossexual não pode ser homossexual também? Ou bissexual, ainda? O metrossexual é só tido como heterossexual, conforme a cegueira branca. Há, a cegueira negra não se pronuncia(ou)!



Considerações finais

A imagem possibilita a rede parafrástica por leituras do que tenho chamado de **sintaxe imagética** (NASCIMENTO, 2017a; 2017b; 2017c). Essa sintaxe imagética oferece leituras por escritas imagéticas, ancoradas em elementos policromáticos da imagem. Por isso, a **rede parafrástica** só ocorre pela policromia ancorar sustentavelmente possíveis leituras que apresentem aproximações dos elementos policromáticos. Entendemos a imagem enquanto objeto discursivo, com materialidade discursiva. Daí a possibilidade do trabalho com o “triplo real” e com o que “surge precisamente daquilo que [...] resulta como heterogeneidade irreduzível” (cf. PÊCHEUX, 1980[2016]: 23-4).

Podemos entender com as breves análises que a imagem tem sua materialidade com *heterogeneidade irreduzível*. Remoeram-se restos simbólico, político e ideológico nas paráfrases visuais selecionadas por nós, aqui, neste texto. As articulações permitem o trânsito da ordem da ideologia à do inconsciente pela *profusão de escritos* (e seus efeitos de (metro)sexualidade(s)). A remoção se inscreveu no material. Os “reais” se manifestaram na sua transa em que a relação *língua-história-inconsciente* ejaculou na sintaxe imagética – a ordem da imagem ofereceu sentidos ao olhar dos leitores potenciais, àqueles que nem apresentam cegueira branca, muito menos a negra. Cegueira é sempre cegueira – eis a sua patologia de leitura: não permitir ler o estatuto significante da imagem. Portanto, a imagem precisa de sujeitos leitores vivificantes, àqueles que vivificam a imagem e a preenchem de leituras, de *leituras-de-trituração*.

Referências

- ARENDDT, Hannah. [1954]. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016. (Debates, 64/ dirigida por J. Ginsburg).
- BACHELARD, Gaston. **A Formação do Espírito Científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BARROS, Manoel de. Soberania. In: _____. **Memórias Inventadas**. A Terceira Infância. São Paulo: Ed. Planeta, 2008, Tomo X.
- COURTINE, Jean-Jacques; CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). [2008]. **História do Corpo** – As Mutações do Olhar: O Século XX. Volume dirigido por Jean-Jacques Courtine. Volume 3. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- COURTINE, Jean-Jacques. [2011]. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013a.



_____.; CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges. (Orgs.). [2012]. **História da Virilidade** – A Virilidade em Crise? Séculos XX e XXI. Volume dirigido por Jean-Jacques Courtine. Volume 3. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013b.

FREUD, S. [1905]. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Vol. 7. Editor J. Strachey e tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. pp. 119-231.

_____. [1915]. Pulsões e destinos da pulsão. In: FREUD, S. **Obras Psicológicas de Sigmund Freud**: Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Edição e tradução de L. A. Hanns. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004. pp. 133-173.

FOUCAULT, Michel. [1966]. **Les Mots et les Choses** – une archéologie des Sciences Humaines. Paris: Éditions Gallimard, 1966.

_____. [1966]. **O corpo utópico; As heterotopias / Le corps utopique; Les hétérotopies**. Tradução de Salma Tannus Muchail. Edição bilíngue: português/francês. São Paulo: n-1 edições, 2013.

_____. [1969]. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. [1970]. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. [1976]. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 4. ed. RJ/SP: Paz e Terra, 2017.

_____. [1984]. **História da Sexualidade II: Os usos dos prazeres**. 1. ed. RJ/SP: Paz e Terra, 2014.

_____. [1984]. **História da Sexualidade III: Os cuidados de si**. 15. ed. RJ/SP: Paz e Terra, 2017.

LACAN, Jacques. [1964]. **O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. 2. ed. RJ: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. [1972-73]. **O Seminário, livro 20: Mais, ainda**. 3. ed. RJ: Jorge Zahar Ed., 2008.

MCGEE, R. J.; WARMS, R. L. **Anthropological Theory: An Introductory History**. Nova Iorque: McGraw Hill, 2011.

NASCIMENTO, Lucas. “Escrita Acadêmica: fantasia ou delírio de si?” In: BARZOTTO, Valdir Heitor; RIOLFI, Claudia Rosa. (Orgs.). **Dezescrita**. São Paulo: Editora Paulistana, 2014. pp. 137-156. (Coleção Sobrescrita, 5).

_____. **Análise do Discurso e Ensino**: políticas de produção escrita, mídia e saberes do professor de português em formação. Alemanha: NEA Editores, 2015.

_____. “A Escrita da Análise do Discurso e as Políticas de Produção Escrita”. In: NASCIMENTO, Lucas; MEDEIROS, Breno Wilson Leite. (Orgs.). **Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso**: heranças, métodos, objetos. Alemanha: NEA Editores, 2016a. pp. 125-153.

_____. “Especificidade de uma disciplina de interpretação (a análise do discurso no Brasil): alguns apontamentos”. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, USP, v. 17, pp. 569-96, 2016b.

_____. “Leitura de imagem publicitária masculina: por algumas questões”. In: AZERÊDO, A. M.; FERES, B. S.; RIBEIRO, P. F. N.; NORONHA, R. V.; SILVA, S. D. (Orgs.). **Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN** – Pesquisa linguística e compromisso político. Niterói: UFF, 2017a. p. 466.

_____. “Corpo Generificado na História do Homem – leitura de imagem e “políticas de ordem”. In: HASHIGUTI; Simone Tiemi. (Org.). **Caderno de resumos do IV CID** ▯ IV Colóquio do Grupo de Pesquisa O Corpo e a Imagem no Discurso: Como somos/fazemos corpo na contemporaneidade? Uberlândia: UFU, 2017b. p. 56.

_____. **A Ordem da Imagem e Sentidos do Olhar**: (In)Disciplina do Corpo na História do Homem – por questões de leitura e de políticas de gênero. 2017c. 208 p. Relatório de Pesquisa. Ministério da Educação. Brasília, Distrito Federal. 2017c.

_____. “Leitura, objeto e escrita sensorial: a *formação do analista do discurso*”. **Revista Linguística Rio**, UFRJ, vol.3, n.1, maio de 2017d.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, K. [1975]. “A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas”. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por Uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997. pp. 163-252.

PÊCHEUX, M. [1975]. **Les Vérités de la Palice**. Paris: Maspero, 1975. Tradução brasileira: _____. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

_____. et all. [1980]. “Actes du Colloque Matérialités Discursives”. Université Paris X – Nanterre, 24-26 avril 1980. In: PÊCHEUX, M. et all. (orgs). **Matérialités discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981. Tradução brasileira:

_____. **Materialidades Discursivas**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Ed. Unicamp, 2016.

_____. [1982]. “Sur la (dé-)construction des theories linguistiques”, *DRLAV*, n.º. 27, 1982, pp. 1-24. Tradução brasileira: _____. “Sobre a (des-)construção das teorias lingüísticas”. **Cadernos de Tradução do Instituto de Letras da UFRGS**. Porto Alegre, n. 04, 2. ed., out. 1998. pp. 35-55.

_____. [1983a]. “A Análise de Discurso: três épocas (1983)”. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por Uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997b, pp. 311-318.

_____. [1983b]. *Discourse: structure or event?* Actes du Colloque Marxism and Interpretation of Culture: Limits, Frontiers, Boundaries. L’Université Urbana-Champaign, 8-12 juillet 1983. In.: PÊCHEUX, Michel. **L’inquietude du Discours**. Textes choisis et présentés par Denise Maldidier. Paris: Éditions des Cendres, 1990, pp. 303-323. _____. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____. [1984]. “Especificidade de uma disciplina de interpretação (A Análise do Discurso na França)”. In: PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discuso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. pp. 227-230.

SARAMAGO, José. **Ensaio Sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, T. “Gestos de Interpretação e Olhar(es) nas Fotos de Curt Nimuendajú: Índios no Brasil”. **Revista FSA** (Faculdade Santo Agostinho), v. 10, p. 287-301, 2013.

VEYNE, Paul. **Foucault, O pensamento, a pessoa**. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2009.